



PELOS OLHOS DA COMUNIDADE: REFLEXÕES E RELATOS FEMININOS

GT 5: Educação e Psicologia

Relato de experiência

Mariana S. CAMPOS (Graduanda do curso de Psicologia UFMT)

Marianasurubim2001@gmail.com

Gislaine C. FIGUEIREDO (Docente de graduação em Educação/UFMT)

gislayne.figueiredo@ufmt.br

1 Introdução

Os desafios enfrentados pelas mulheres no seu cotidiano são inúmeros, e não podem ser dissociados dos processos educativos, os quais vão criando e produzindo internalizações das identidades e papéis de gênero desde a mais tenra idade. Esses papéis socialmente construídos e reproduzidos pelas mais diversas instituições (família, escola, políticas de assistência social, de saúde, etc...) geram e aprofundam iniquidades e adversidades sociais, culturais, econômicas e raciais (Mayorga, 2014), produzindo diversas violências de gênero, como a dupla/tripla jornada de trabalho e a sobrecarga referente a rotina extensa. Partindo disso, Pinto et al. (2011) em seus estudos demonstra o esgotamento das mulheres em situação de vulnerabilidade social, trazendo assim:

A sobrecarga de papéis assumidos pelas mulheres frente às dificuldades sociais, econômicas e de violência experimentadas por elas expôs uma face perversa da condição feminina, sobressaindo, por um lado, a baixa autoestima, as frustrações, os medos e anseios e, por outro, a coragem e a perseverança na luta pela sobrevivência. (Pinto et al, 2011, p.169)

A autora aponta em seus estudos como essa carga na rotina cotidiana das mulheres interfere diretamente em sua subjetividade e descrevendo como tais comportamentos que são impelidos às mulheres causam danos a elas, podendo ser entendidos como uma violência, devendo ser combatidas, assim como as demais violências. As políticas de saúde da mulher reforçam a importância do combate para a manutenção da saúde mental feminina, apontando;

É necessário contextualizar os aspectos da vida cotidiana das mulheres, conhecer com que estrutura social contam ou não, para resolver as questões práticas da vida, e reconhecer que a sobrecarga das responsabilidades assumidas pelas mulheres tem um ônus muito grande, que muitas vezes se sobrepõe às forças de qualquer pessoa. (Políticas de atenção da saúde da mulher, 2004, p. 45)

Por isso, entender e intervir sobre a realidade de mulheres em vulnerabilidade social e sua perspectiva de gênero possibilita compreender não só o modo de viver, mas também as lutas enfrentadas por essas mulheres e as consequências internas consequentes. A partir dessa

compreensão, esse trabalho tem como objetivo relatar as experiências das rodas de conversa com o grupo de mulheres da comunidade “Terra Prometida” na cidade de Cuiabá, Mato Grosso.

2 Metodologia

A metodologia utilizada foi baseada na Investigação ação participante (IAP). Conforme discutido por (Frizzo, 2010), a IAP caracteriza-se pela integração do saber popular como um elemento de composição no conhecimento científico. Trata-se de uma abordagem alternativa de construção do saber, que visa proporcionar autonomia à comunidade envolvida, ao mesmo tempo em que rompe com a tradicional hierarquia entre agentes externos (da academia, técnicos) e agentes internos (membros da comunidade), permitindo para ambos contribuírem com as transformações sociais e se transformarem nesse processo.

Os temas foram discutidos por meio de rodas de conversa, sendo suas escolhas pautadas pelas demandas das participantes. No primeiro encontro, foram realizadas dinâmicas de acolhimento ao grupo, com o objetivo de integrá-las ao espaço da roda de conversa e propor um compromisso coletivo, nele participaram seis mulheres da comunidade.

A partir das indicações de temas feitas pelas mulheres no primeiro encontro e nos encontros subsequentes, foram elaboradas dinâmicas com o intuito de estimular as discussões e iniciar o diálogo sempre desenvolvendo as ideias junto com as participantes, tendo como base suas experiências e vivências cotidianas. As dinâmicas demonstraram-se como uma forma de abertura e introdução do assunto e auxílio ao mediador para a manutenção das conversas. Após o momento inicial de dinâmica, a temática escolhida era discutida, havendo a participação significativa (e por vezes emocionada) das mulheres do grupo.

Até o presente momento, ocorreram seis encontros realizados todas às terças feiras, no período matutino, das 08h30min às 10h00minh, com cerca de 1 hora e 30 minutos de duração, nos períodos de agosto e setembro do corrente ano. As atividades são realizadas na área de lazer, descrita pelos moradores da comunidade como “bosque”, uma pequena área reservada, com bancos e uma mesa debaixo das árvores separada para as reuniões comunitárias.

Os encontros foram propostos e desenvolvidos como uma atividade de extensão ligada ao Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de saberes: Diferentes Saberes e Fazeres na UFMT, em conjunto ao Projeto de Extensão Intervenções Teórico-críticas em psicologia, do curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso, representados nessa ação por uma equipe de três estudantes do curso de psicologia.

3. Resultados e discussões.



A demanda por encontros destinados exclusivamente às mulheres da comunidade emergiu da solicitação das próprias participantes, que previamente participavam de um projeto de criação de uma horta comunitária promovido pela universidade. A partir da participação nessas atividades, as mulheres manifestaram a necessidade de um espaço singular para discutir questões específicas relacionadas às suas experiências.

Nas reuniões semanais, os temas levantados pelas participantes incluíram a desvalorização e sobrecarga dos serviços domésticos, pelos quais se consideram totalmente responsáveis, uma vez que seus parceiros assumem o papel de provedores financeiros. No entanto, constatou-se que, em sua maioria, essas mulheres também desempenham atividades informais como uma fonte adicional de renda para o sustento familiar. Com isso, a sobrecarga das responsabilidades com o lar e a educação dos filhos têm privado essas mulheres de momentos de lazer e descanso.

Observou-se, em suas falas, uma naturalização da negligência e dos comportamentos grosseiros em seus relacionamentos amorosos, bem como muitos relatos de violências vivenciadas no passado em seus diversos relacionamentos, sejam familiares ou amorosos. Durante os encontros voltados à temática das relações afetivas, as mulheres discutiram a restrição de suas interações conjugais à esfera sexual, enquanto ressaltaram um contraponto propondo que as relações entre mulheres são de maior autenticidade e empatia. Por fim, ao tratar das questões relacionadas à autoestima, foi possível identificar um retrato de baixa autoestima (especialmente quanto à aparência física) e auto depreciação entre as participantes. Contudo, ao longo do processo, afluíram-se a formação de uma rede de apoio entre elas, sugerindo a formação de vínculos de solidariedade e suporte mútuo.

As discussões acerca dessas temáticas permitiram perceber como as mulheres das classes populares compartilham dificuldades relacionadas a cobranças referentes a estereótipos de gênero, no qual a mulher deve ser “do lar”, estar sempre a servir seus maridos, física e sexualmente. Isso tudo reflete nas suas imagens pessoais, aparência física e a necessidade social de estar sempre agradando os outros. Demonstrando como a sobrecarga de atribuições e tarefas impostas às mulheres das classes populares, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade social e financeira, afeta diretamente as questões pessoais como, baixa autoestima, inseguranças e frustrações (Pinto et al, 2011).

A discussão dos temas acima especificados cumpriu uma função psicoeducativa, posto que possibilitou às mulheres refletirem sobre suas experiências, e ressignificar muitas delas, revendo suas posturas e valores, movimento percebido através de uma união entre os saberes coletivos e as intervenções educativas que possibilitam as reflexões nos conteúdos da relação

com os companheiros e salientado nos momentos em que as participantes percebem em seus casamentos a falta de afeto, de contato, ou apenas o interesse sexual.

Outra temática recorrente diz respeito aos conflitos cotidianos da comunidade, como a falta de água e as brigas entre vizinhos, muitos deles decorrentes da violência do Estado, que aparecem constantemente durante as reuniões, em geral antes da discussão da temática proposta, de tal modo que o grupo também se configura como espaço para discussão das questões do dia-a-dia. Brandão (1984, p. 9) diz “é necessário que se criem situações onde o trabalho e a convivência sejam também momentos de circulação do saber” argumentando que a educação deve ser um processo coletivo, onde os membros da comunidade se educam mutuamente e se organizam para enfrentar suas realidades.

Por isso, as rodas se mostraram como um espaço significativo para a constituição de um aprendizado coletivo, conscientização e busca de mudanças sociais, as quais são indissociáveis dos processos subjetivos das participantes. Tais transformações podem ser exemplificadas nas construções de vínculos e de acolhimento mútuo entre as participantes, que compartilhavam suas vivências nunca expostas anteriormente. Outro exemplo é o encontro em que se tratou de autoestima, no qual foi identificado um movimento para a construção de um espaço de respeito, o qual as participantes saíram da roda demonstrando contentamento, fortalecimento dos laços comunitários e bem-estar pessoal.

Tais pontos são chave para o desenvolvimento de uma relação de sororidade. Ademais, as participantes descrevem os encontros como um momento para descontração e lazer na semana, no qual elas afirmam “deixo as crianças lá e venho” ou que “adoro as dinâmicas que vocês trazem, me sinto uma criança novamente”. Por isso, as reuniões se mostram um ambiente de propagação do conhecimento e também se configuram como um tempo de tranquilidade e recreação frente a um cotidiano difícil, afinal avista-se que nos encontros as mulheres se divertem fazendo piadas e brincadeiras entre si e com as extensionistas.

Os desafios observados no trabalho dizem respeito à dificuldade de agregar-se novas participantes aos encontros, conflitos nos horários, e a dificuldade que as mulheres têm em permanecerem nos momentos propostos, em especial no que diz respeito aos debates temáticas ético-raciais, pois é perceptível o afastamento das mesmas aos diálogos propostos. Apesar disso, são notáveis os benefícios no avanço das conversas que trazem uma reflexão ao grupo, com também quando as mesmas se sentem confortáveis para expor uma vivência anteriormente nunca dita. Tais resultados reforçados pelas afirmações das mesmas de seu contentamento corroboram a importância de se trabalhar com as mulheres em seus aspectos de vida cotidiana para intervenções psicoeducativas e em saúde mental.

8 Considerações finais

Conclui-se que as rodas de conversa realizadas com as mulheres da comunidade Terra Prometida revelaram a complexidade das adversidades enfrentadas por elas em seu cotidiano. Isto evidencia a necessidade de ações que promovam reflexões e mudanças em suas vivências. Através do diálogo estabelecido nas rodas de conversa, foi possível observar um potencial de transformação e acolhimento mútuo dessas mulheres em relação às suas próprias realidades, bem como de transformação de concepções arraigadas sobre gênero e os papéis atribuídos a estes. Embora a atividade ainda esteja em desenvolvimento, espera-se que com a continuidade dos trabalhos, haja o aprofundamento em temas como feminismo negro, autoestima de pessoas negras e letramento racial, proporcionando o entendimento da realidade que afeta essa comunidade e contribuindo para a construção de práticas emancipadoras.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação popular. [S. l.]: Brasiliense, 1986.

BRASIL. DEPARTAMENTO DE AÇÕES PROGRAMÁTICAS ESTRATÉGICAS. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: princípios e diretrizes. Editora MS, 2004. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nac_atencao_mulher.pdf. Acesso em: 20 set. 2024.

FRIZZO, Katia Regia. Investigação Ação Participante. **SARRIERA, Jorge Castellá. SAFORCADA, Enrique Teófilo (org). Introdução à psicologia comunitária: Bases teóricas e metodológicas. Porto Alegre: Sulina, p. 155, 2010.**

MAYORGA, Cláudia. Algumas contribuições do feminismo à psicologia social comunitária. **Athenea Digital. Revista de Pensamiento y Investigación Social**, 14(1), p. 221–236. Disponível em: <https://doi.org/10.5565/rev/athenead/v14n1.1089>. Acesso em 20 set. 2024.

PINTO, Rosa Maria Ferreiro et al. Condição feminina de mulheres chefes de família em situação de vulnerabilidade social. **Serviço Social & Sociedade**, p. 167-179, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/WTL3xcZ4gctQxh3tfCTszMq/>. Acesso. 20 set. 2024.